

destamente, — se occultam sob o misterio dos pseudonimos...

Ora isto é tão pouco para uma conferência que a ilustre senhora teve, no final, a coragem civica de afirmar que «nada dissera»...

Comtudo, uma coisa houve que não esqueci... Foi suggerida ahi a idea d'um Sarau de Poetisas, a que todas concorressem com as suas composições, lendo-as...

Ainda outro dia o cacarejar do Serão dos Poetas com o Snr. Julio Dantas d'Almeida Garrett a pontificar, de casa e comendas, agora a expectativa d'um Serão de Poetisas, — que, ao menos, é verdade, nos ha-de dar, (se se rialisar) a idea amavel d'um gorgeio de passarinhos...

Elas, as poetisas!...

E' certo, porém, que entre as conferencias politicas de Veva de Lima e os versos amorosos das Onze Mil Virgens, eu ainda prefiro estes, — á hora do chá, com bombons e torradas...

José Dias-Sancho.

Vida artistica parisiense

Van Dougen e Monticelli -- Dulcan e a «Maternité» -- A feira de Paris e a «Communa das Artes»

Pois é a tal feira, o tal manicomio de que já falei a V. Ex.^{as}... Todos os dias ha mil *faits-divers* que desopilam os burguezes e nos fazem meditar uma boa hora, a nós os sensiveis da existencia. A nossa pobre espinha dorsal soffre a cada dobrar da esquina da vida um trémulo estranho, que nos obriga a parar assustados, para depois vibrarmos mais intensamente com todos os pequeninos nadas que nos levam á ruina total do coração. Presumo que os grandes jogadores em pleno soffrem igualmente du-

rante alguns minutos, o que nós procuramos que dure anos. Se não somos maluquinhos de nascença, neste andar sem parança em que vamos, finda a coragem que nos guia, endoidecemos pela certa, até ao dia da redenção, que é o do juízo final.

Van Dougen, o pintor espalhafatoso da côr e pujante colorista do espalhafato, discípulo descarado de d'Anunzio nos processos de dar nas vistas, lembrou-se ha tempos de arengar uma conferencia sobre o pintor Monticelli, o impressionista arrojado das kermesses mundanas. Começando por dizer que nem conhecia a obra, nem a vida, nem sequer o retrato d'aquêle de quem ia falar, terminou por afivelar meia duzia de adjectivos ironicos na tunica de gloria do pobre morto ignorado. A familia deste protestou e levou o orador aos tribunaes. Eis Van Dougen no banco dos reus, dispondo-se para a *blague* zig-zagueante em que tambem é mestre, prompto a defender-se com phrases incisivas e brilhantes, tal como se fabricasse um quadro á espátula, incapaz de permitir uma réplica. Habitudo a dizer que não conhece pessoalmente Veronese nem sabe se em Paris habita outro pintor que não elle, quando se preparava snobemente para entrar em scena, apaga-se a luz da sala, e os juizes sorridentes, tendo mexido já mil vezes os oculos e os accentos, no embaraço de terem que se haver com artistas, suspendem a sessão á pressa e consta que sem julgamento o vão condenar por estes dias.

E' bem de esperar, num paiz de liberdade !...

No ultimo *Salon* de Outomno, Raymond Duncan, o pintor espiritualista dos movimentos eternos e conferencista maduro sobre themas verdes de fructos maduros, foi convidado a retirar da parede, sem perda de tempo, o seu grande quadro intitulado *Maternité*, motivo humanissimo e respeitavel que todas as parteiras tem gosado á porta fechada, é certo —, como obra offensiva á moral, depois de um jury de dezenas de artistas a terem acceite como obra digna de arte.

Caso identico ao da «Garçonne», que valeu ao auctor ficar sem a Legião d'honra mas arranjar uma fortuna num mez, a ordem policial provocou tanto escandalo quanta sympathia ao artista de tunica de linho, que Paris já conhecia de vista e que sabia ser o chefe duma banda de louquinhos descalços que, com a mania de economia, em vez de chapéu usavam uma fita ao redor da cabeça bem cabeluda, á imitação da de Marcel Lenoir, que tambem é assaz barbuda.

Claro que foi tambem chamado aos tribunaes!

Defendeu-se há dias com certa habildade de homem afeito a todas as intempéries do tempo, apregooou as suas theorias de arte-livre e livre transito de emoções, barafustou apelando para um tribunal de espiritos sem preconceitos, em plena floresta e educado no naturalismo de que elle é profeta-mór, mas de nada lhe valeu o arancel nem a propaganda. Nem o apelo nem o comicio publico no seu teatro sobre o thema revolucionario «O abortamento da Arte pelo Pudor». Foi condemnado e a tela foi-lhe selada com uma corda em cruz para espantar o diabo do corpo daquela *Maternité*, embora nem sequer um papel de seda colassem por cima, a occultar a nudez imoral do assumpto.

Era de esperar, nmm paiz de liberdade!...

Abriu há dias a *Foire de Paris* e por seu turno abriu tambem a Exposição canina. — Nesta bella cidade de porta aberta há a volupia de abrir, abrir tudo... abrir sempre...

Milhares e milhares de pessoas com seu ar endomingado se arrastam basbaquemente pela Praça da Concórdia, pelas pontes, pelas ruas, gosando os prazeres que se lhes abrem ao coração bem aberto para tudo que seja festa. Creio ser um principio politico da França, offerecer ao povo mil diversões para que elle se não aperceba das coisas serias que o podem enervar. E' pena que em Portugal os nossos patrões politicos não leiam pela mesma cartilha, visto que já em demasia macaqueiam a França, porque talvez evitassem algumas revoluções e poupassem alguns lu-

ctos e tormentas ao nosso Zé Povinho, que no fundo, do que gosta é de patuscada.

A feira dos cães foi este anno entalada entre o *Salon des Tulleries* e o da Arte belga. A estas concorrem algumas centenas de curiosos, emquanto áquella, chamados pelas trombêtas de caça e pelos ganidos dos enjaulados, vão milhares e milhares de entendidos, desde a mulher da moda até ao proprietario de *ferme*, na mira de encontrar o amante fiel que lhes convenha.

Do terraço do *Jeu de Paume*, assisti esta tarde ao desfilar da multidão. Embebido no movimento escuro da grande bicha que sahia duma porta e entrava noutra, e na luz cinzenta desta maravilhosa perspectiva enevoadada, com duas perpendiculares de referencia como que divisionando o quadro, aqui o Obelisco e alem a torre Eifel, eis senão quando oiço a meu lado esta exclamação lisboêta que me fez voltar a cabeça e com susto: — «Ena, que bicharada !...» Reconheci o patricio; era o senhor Cunha Leal que vinha de admirar os primitivos flamengos ali do lado. Algumas heresias lhe ouvi ainda sobre a pintura belga, que felizmente Sua E.^x^a foi olvidar correndo tambem a ver os cães. E ainda bem...

O parisiense bem conhece as rasões porque engastou a exposição canina entre as da arte moderna e antiga...

Era de esperar, num paiz de egualdade !...

Em Montmartre, o tradicional espirito dos *chansoniers* e dos humoristas, á laia de protesto ao estrangeirismo dos outros bairros, creou uma *Communa das Artes* num *cabaret*, que tem o seu jornal, o seu guarda campestre, os seus jantares, a sua piada e a sua *foire aux croutes*, que é uma exposição de quadros no meio dum largo publico, nos galhos das arvores, nos bancos, nos vãos das portas, nos candieiros, no chão, no ar, onde calhar e houver espaço. A par desta communa implantou-se, com fins identicos, a *Republica de Montmartres*, tendo por Machado dos Santos o mestre Forain, e por presidente o caricaturista Willette.

Festas, pagodes, pic-niques, tiroteios de vinho espumo-

so no Marne, cavalgadas no alto da *Buttes*, offertas de moinhos, como tratados de paz, aos de Montrouge, etc. etc., e agora ha dias a fundação do *Dispensaire des petits poulbots*, na rua Lepic, ao lado de *chez Arthur*, a *guinguette* onde se reúnem em ceia todos os cidadãos representativos e o seu Directorio á cabeça. A pedra inaugural do Dispensario foi um simples tijolo. Poulbot e todos os *poulbots montmartrois* assistiram á festa. Muitas palmas, muitas chalaças, muita gente e alguma chuva. O Presidente, D. Willete 1.^o, depois da pasada de cal oficial, correu ao *bistro*. Dois *poulbots* esmurraram-se heroicamente por uma questão de lugar conquistado sobre uma carroça de hortaliça. Veio a policia e tudo dispersou, resmungando.

Era de esperar, num paiz de fraternidade!...

Depois do *4-z-arts* e do baile do Internato, lavrou de modo tal a mania de dar á perna por todo Paris, que não contente com os *jazzs* a dois passos uns dos outros, dos *bars* americanos e dos chás dançantes, das *boites de nuit*, dos *moulins* varios, dos *bals musettes* e dos de caridade, a Opera, a 100 francos por cabeça, inventou um motivo periodico de batuques chiques, capitaneados pelo esperto costureiro Poiret e pelo pintarelho palerma que é Domergue, hontem em *travestti* veneziano, hoje Gavarni e amanhã Pae Adão.

O *Bullier*, antiga sala de estudantes e *grisettes* do *Boul Mich*, armou tambem em salsifré fox-trotista de *calicots*, e de quando em vez embandeira em arco de festança hipercivilizada, com artistas, literatos, esthetas e estafermos pretenciosos, onde vae toda a gente de bom e mau tom, mascarada por dentro e por fóra, a pular, a gosar a vida, a procurar emoções novas, para no fim se aborrecer como um cocheiro de fiacre.

Pobres Intellectuaes do *shimmy* e do Java!...

Ainda me recordo do tempo do tango e do maxixe, da furlana papal e do roly-roly enfadonho, em que o nosso fado veio á baila no *Luna*, o pobre fado que agora se ouve por'hi com nomes mexicanos e variantes negras, pas-

sando por muzica exotica de paizes de manga e de tanga!...

«Ai fado que foste fado !...»

Apesar de tudo, nestes bailuncos *rastás* que a hora inventa, é de gosar a alegria dos movimentos e das côres, a beleza dos enfeites e das mulheres, pintadas, adornadas, enriquecidas, felinas e provocantes. Nenhum *deguisement* igual, nenhuma decoração semelhante, nenhum movimento irmão e nenhuma mulher parecida... na'aparência. Tudo diverso e dissonante, gritos e saltos e gestos, uma desharmonia intencional que termina por compôr um bello quadro intercepcionista, um concerto genial de acção em desacordes simphonicos, uma enorme fabrica cheia de machinas a funcionar em mil direcções, com horisontaes em fuga, verticaes desequilibradas, curvas enlouquecidas, discos, pyramides e parábolas; todas as côres, todos os sons, todas as formas, todas as almas; dynamismo e arlequinismo !...

Génio e loucura e amôr; triangulo erguido ao ceu tangendo nos pontos mais solidos do circulo da vida !...

Degladiam-se os *Scottishs* e os *sambas*; enlaçam-se os corpos e estreitam-se tanto que ficam unos, hermafroditicos; a alegria esvae-se, o champagne exgota-se e a noite morre num beijo de luz e sombra, sensual e alucinado e bebado, de exgotamento e fim de raça !...

Lá dentro da sala todos se conhecem; dir-se-há que se amam, mas dentro das almas todos se abominam, todos se odeiam. Ha desejo de folia e de contacto nos corpos, mas nos olhos vae-se um desprezo pelo semelhante, que agride. O modelo quer passar por artista, o artista por principe e o principe por Deus !

A' sahida, no findar do estonteamento, cada um enojado daquela febre de acotovelamento e promiscuidade, foje para seu lado, mirando os outros de soslaio, não vá alquem confundi-los com os profissionaes do *boston* e do *one-step*...

Era de esperar, num paiz da egualdade !...

D'Annunzio avisou ha dias nos jornaes todos o seus amigos, verdadeiros ou falsos, devotados ou hypocritas,

que tendo precisão do seu tempo para ultimar um livro, não os poderia receber, nem ler, nem vizitar. Se algum lhe fugisse por esta razão, saberia resignar-se em contentamento, certo de que o livro valeria mais que os amigos que debandassem.

Muitos riram, muitos enfiaram o carapuço, mas elle nem sequer se apercebeu da intriga que creara.

Porque razão não temos nós todos a mesma coragem e a mesma confiança na nossa obra?

Amigos? Tratantes, tratantes, chamou-lhes Camillo!...

Amigos são aqueles que produzem a nosso lado, em paralelo, com a mesma Fé e a mesma sinceridade que nós colocamos no nosso trabalho. Amigos são os que nós admiramos ainda que nos não admirem. Amigos são os que valem, os que criam, os ainda que vencidos na terra, vencerão sem duvida além da morte. Amigos são muitos que nós nunca vimos mas que adoramos pelo que nos dão á nossa alma e ao nosso espirito.

Amigos?!...

... Aperto a mão a muitos que sei encostados ás hombreiras do Chiado, á honra dos mortos, ao talento alheio á bondade de Deus.

Mas estes são todos nados e creados em Peniche... Servem-se dos nossos musculos, do nosso dinheiro, do nosso valor, com a gazua falsa do abraço, para traficarem com a sociedade.

Tratantes, impavidos tratantes é que elles todos são!

PARIS.

Diogo de Macedo.

A "Revista Portuguesa" publicará no proximo numero o segundo artigo de Augusto da Costa, da série "Latinidade e Germanismo,,.
A «Revista Portuguesa» publicará, no mesmo numero, uma interessante entrevista com o dramaturgo Carlos Selvagem, escripta por Reynaldo Ferreira.